

As três folhas da serpente

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um homem pobre que já não conseguia sustentar seu único filho. Então o filho disse: — Meu querido pai, vossa vida é tão miserável, e eu sou um peso para vós. Prefiro ir embora e ver como posso ganhar meu pão. O pai lhe deu sua bênção e se despediu dele com grande tristeza. Naquele tempo, o rei de um poderoso reino estava em guerra. O jovem entrou para seu serviço e partiu para o campo de batalha. Quando se viu diante do inimigo, travou-se uma batalha de grande perigo: choviam balas, e seus companheiros caíam por todos os lados. Quando o comandante também caiu, os outros quiseram fugir, mas o jovem se adiantou, deu-lhes coragem e gritou: — Não vamos deixar nossa pátria ser destruída! Os outros o seguiram, e ele avançou e derrotou o inimigo. Quando o rei soube que devia a vitória somente a ele, elevou-o acima de todos os outros, deu-lhe grandes tesouros e fez dele o primeiro homem do reino.

O rei tinha uma filha muito bonita, mas também muito estranha. Ela havia feito o voto de não tomar por senhor e marido quem não promettesse deixar-se enterrar vivo com ela, caso ela morresse primeiro. — Se ele me ama de todo o coração — dizia —, para que ainda lhe serviria a vida? Em troca, faria o mesmo: se ele morresse primeiro, desceria com ele à sepultura. Até então, esse estranho voto havia assustado todos os pretendentes. O jovem, porém, ficou tão encantado com a beleza dela que não deu importância a nada e pediu sua mão ao pai. — Sabes o que deves prometer? — perguntou o rei. — Devo descer com ela à sepultura se eu lhe sobreviver — respondeu ele. —

Mas meu amor é tão grande que não me importo com o perigo. O rei consentiu, e o casamento foi celebrado com grande magnificência.

Viveram felizes e contentes por algum tempo. Então a jovem rainha adoeceu gravemente, e nenhum médico pôde ajudá-la. Quando ela jazia morta, o jovem rei se lembrou do que havia sido obrigado a prometer e se horrorizou com a ideia de deitar-se vivo na sepultura. Mas não havia saída: o rei mandara pôr guardas em todos os portões, e não era possível escapar ao destino. No dia em que o corpo foi depositado na cripta real, ele também foi conduzido para baixo. Depois, trancaram a porta com o ferrolho e a fecharam.

Ao lado do caixão havia uma mesa com quatro velas, quatro pães e quatro garrafas de vinho. Quando as provisões acabassem, ele teria de morrer de fome e sede. Ali ficou, cheio de dor e tristeza, comendo apenas um pedacinho de pão por dia e bebendo somente um gole de vinho, mas vendo a morte se aproximar cada vez mais. Enquanto olhava fixamente à sua frente, viu uma serpente sair rastejando de um canto da cripta e aproximar-se do cadáver. Pensando que ela vinha roê-lo, sacou a espada e disse: — Enquanto eu viver, não tocarás nela! E cortou a serpente em três pedaços. Pouco depois, uma segunda serpente saiu rastejando do canto. Ao ver a outra morta e despedaçada, voltou atrás. Logo retornou com três folhas verdes na boca. Pegou os três pedaços da serpente, dispôs cada um em seu devido lugar e pôs uma folha sobre cada ferida. Imediatamente, as partes separadas se uniram, a serpente se moveu e tornou a viver, e as duas partiram depressa juntas. As folhas ficaram no chão. Ao infeliz, que vira tudo, ocorreu que a força maravilhosa das folhas, que havia trazido a serpente de volta à vida, talvez também pudesse ajudar uma pessoa. Ele as apanhou e colocou uma sobre a boca da morta e as outras duas sobre seus olhos. Mal fizera isso, o sangue começou a correr nas veias, subiu ao rosto pálido e lhe restituiu a cor. Ela respirou, abriu os olhos e disse: — Ah, meu Deus, onde estou? — Estás

comigo, querida esposa — respondeu ele. E contou tudo o que acontecera e como a havia trazido de volta à vida. Depois lhe deu um pouco de vinho e pão. Quando recuperou as forças, ela se levantou, e os dois foram até a porta, bateram e gritaram tão alto que os guardas ouviram e avisaram o rei. O próprio rei desceu e abriu a porta. Encontrou os dois vivos e saudáveis e se alegrou com eles por todo o sofrimento ter acabado. O jovem rei, porém, levou consigo as três folhas da serpente, entregou-as a um criado e disse: — Guarda-as com cuidado para mim e leva-as sempre contigo. Quem sabe em que aflição ainda poderão nos ajudar.

Mas, depois de voltar à vida, uma mudança havia ocorrido na mulher: era como se todo o amor pelo marido tivesse desaparecido de seu coração. Algum tempo depois, ele quis atravessar o mar para visitar seu velho pai. Quando embarcaram, ela se esqueceu do grande amor e da fidelidade que ele lhe demonstrara e com os quais a salvara da morte, e sentiu uma inclinação perversa pelo marinheiro. Certa vez, enquanto o jovem rei estava deitado e dormia, ela chamou o marinheiro, segurou o adormecido pela cabeça e mandou que o marinheiro o segurasse pelos pés. Assim o lançaram ao mar. Depois de cometer a infâmia, ela lhe disse: — Agora vamos voltar para casa e dizer que ele morreu no caminho. Vou te elogiar e enaltecer tanto diante de meu pai que ele me casará contigo e te fará herdeiro da coroa. Mas o fiel criado, que vira tudo, soltou sem ser notado um pequeno barco preso ao navio, entrou nele e seguiu seu senhor, deixando os traidores prosseguirem viagem. Retirou o morto da água e, com a ajuda das três folhas da serpente que trazia consigo e colocou sobre os olhos e a boca, conseguiu trazê-lo de volta à vida.

Os dois remaram com todas as forças, dia e noite, e o barquinho voava tão depressa que chegaram à presença do velho rei antes do outro navio. Ele se admirou ao vê-los chegar sozinhos e perguntou o que lhes acontecera.

Quando soube da maldade da filha, disse: — Não posso acreditar que ela tenha agido tão mal, mas a verdade logo virá à luz. Mandou que os dois fossem para um aposento escondido e se mantivessem ocultos de todos. Pouco depois, o grande navio chegou, e a mulher ímpia se apresentou diante do pai com semblante triste. Ele perguntou: — Por que voltas sozinha? Onde está teu marido? — Ah, querido pai — respondeu ela —, volto para casa em grande tristeza. Meu marido adoeceu de repente durante a viagem e morreu. Se o bom marinheiro não tivesse me ajudado, eu teria passado por grandes dificuldades. Ele estava presente na hora da morte e pode vos contar tudo. O rei disse: — Vou trazer o morto de volta à vida. Abriu o aposento e mandou que os dois saíssem. Quando a mulher viu o marido, ficou como que atingida por um raio, caiu de joelhos e pediu clemência. O rei disse: — Não há clemência! Ele estava disposto a morrer contigo e te devolveu a vida; tu, porém, o mataste enquanto dormia e receberás a recompensa que mereces. Então ela e seu cúmplice foram postos num navio furado e lançados ao mar, onde logo afundaram nas ondas.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/as-tres-folhas-da-serpente>